

O PROFESSOR DE ARTE QUE TEMOS E O PROFESSOR DE ARTE QUE QUEREMOS

THE ARTS TEACHER WE HAVE AND THE ARTS TEACHER WE WANT

Karinne Luzia Rodrigues¹

RODRIGUES, K. L. O professor de arte que temos e o professor de arte que queremos. **Akrópolis** Umuarama, v. 16, n. 3, p. 165-170, jul./set. 2008.

RESUMO: O presente texto representa uma breve reflexão sobre a arte aplicada à educação e suas principais propostas. Percebemos que em nome da arte são defendidas e difundidas, no Ensino Fundamental, atividades em que não há o devido respeito às formas de expressão do aluno, mas é restrita aos métodos artísticos, à educação artística e menos à educação estética. Entende-se a educação artística ligada ao fazer arte, à produção de objetos de arte. Definição esta bem distinta do que se entende por educação estética como apreciação e fruição de arte. A arte nas escolas de Ensino Fundamental é muitas vezes considerada como supérflua, por se ter esta concepção fundamentada no entendimento de que os alunos têm outras necessidades primárias no processo de escolarização, ou seja: acredita-se que as necessidades de apreensão dos conteúdos escolares básicos estão em primazia, quando comparadas com as necessidades das artes ou da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Educação; Professor de arte.

ABSTRACT: The present text represents a brief reflection on the arts applied to Education and its main proposals. We perceive that on behalf of the art in Basic Education, activities in which there is no proper respect to the pupils' ways of expression being limited to artistic methods, to the artistic education in regard of the aesthetic education, are defended and disseminated. Artistic education is understood by being attached to making art – the work of art. This is a very distinct definition of what is understood with respect to aesthetic education as the appreciation and enjoyment of art. Art in lower education schools is usually considered superfluous having such conception based on the understanding that the pupils have other primary needs throughout the schooling process, that is, it is believed that the basic needs concerning curriculum apprehension are a priority when compared to the needs for arts or freedom.

KEYWORDS: Art; Education; Arts teacher.

¹Especialista em Arte-Educação, Arteterapeuta. Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS. Professora de Arte-Educação

Recebido em Abril./2008
Aceito em Junho./2008

INTRODUÇÃO

“...Por favor... desenha-me um carneiro... Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a milhas e milhas de todos os lugares habitados e em perigo de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me, então, que eu havia estudado principalmente geografia, história, matemática e gramática e disse ao pequeno visitante (um pouco mal-humorado) que eu não sabia desenhar. Respondeu-me: – Não tem importância. Desenha-me um carneiro...” (Antoine de Saint-Exupéry, 2003; p. 10-11)

Ao se falar em Arte está implícita a postura do adulto, e somente deste, frente às obras de criação.

É a partir de seu ponto de vista que se origina o saber o que fazer com a resultante produzida. Não poderíamos deixar de citar Antoine de Saint-Exupéry que, em sua obra “O Pequeno Príncipe”, retrata em vários momentos episódios que, sob a ótica da Arte – com toda simplicidade e ao mesmo tempo riqueza de detalhes – envolvem o cenário artístico, como exemplos da forma equivocada como os adultos olham a percepção e a criação infantil.

Essa citação é uma entre as várias que mostram a finalidade da arte na vida do homem, mas que também denuncia a forma como a arte é pouco valorizada, quando o produtor é uma criança. Afinal, foi através da (des)valorização de sua criatividade pelas “pessoas grandes” que a personagem adulta em “O Pequeno Príncipe” vê sua imaginação criativa encerrada aos seis anos: “As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. (...)” (Saint-Exupéry, 2003; p. 8).

Na escola, em geral, associamos arte a lazer, em oposição a disciplinas “sérias”. Na verdade, somos levados a separar nossa expressão racional da emocional desde muito cedo. Concordamos, assim, com Duarte Júnior (2005) quando afirma que:

Nossas escolas iniciam-nos, desde cedo na técnica do esquartejamento mental. Ali devemos ser apenas um homem pensante. As emoções devem ficar fora das quatro paredes das salas-de-aula, a fim de não atrapalhar nosso desenvolvimento intelectual. Os “recreios” e as “aulas de arte” são os únicos momentos em que a estrutura escolar permite alguma fluência de nossos sentimentos e emoções. E há jeito de ser diferente? (Duarte Júnior, 2005; p.)

Podemos responder a essa pergunta feita pelo autor pensando a respeito da atitude do “Pequeno Príncipe” em relação à criação da personagem adulta de Saint-Exupéry, se pensarmos em que o produto artístico tem valor não pela beleza e conteúdo, mas porque é uma expressão natural e espontânea. Assim, veremos que a atitude tomada pelo principzinho foi a de provocar a atividade, estimular o processo criador e explorar o êxito. Por isso, a importância do espectador durante o processo de criação.

Escolher esse trecho da obra de Saint-Exupéry para iniciar a nossa reflexão acerca do professor de arte que temos e o professor de arte que queremos nos impulsiona a pensar nas seguintes questões, elencadas por Martins, Picosque e Guerra (1998):

Alguma vez você já se perguntou por que arte na escola? Em caso positivo, que respostas você encontrou para justificar o tempo a ela destinado no currículo escolar? A maioria das pessoas não duvida, por exemplo, da importância das aulas de matemática, língua portuguesa ou ciências... Mas e Arte? Para quê? Além disso, outra questão se coloca: será que aquilo que se tem ensinado nas aulas de arte é de fato arte? (p. 19).

Podemos ainda acrescentar uma outra questão: será que não haveria uma forma de a Arte contribuir mais efetivamente para o nosso desenvolvimento?

Estas e outras indagações deveriam permear o imaginário das pessoas envolvidas diretamente com a educação; mas o que presenciamos é o fato de o professor, ao se deparar com a disciplina Artes em sua grade curricular, pensa e afirma que a arte na vida do ser humano não passa de um simples passatempo e que ele (professor) é visto perante a escola e demais colegas de trabalho, como afirma Duarte Júnior (2005), como “pau pra toda obra”, como um “quebra-galho” e, como tal, sua função se destina apenas a ornamentar escolas.

É aqui que se encontra o nosso problema: como os professores, destinados à Arte nas escolas de Ensino Fundamental, tem desempenhado a sua função de professores de Arte e o que tem feito com o momento de Arte na sua escola?

Nosso objetivo neste texto é desenvolver uma breve reflexão sobre o que representa o ensino de arte na escola e o que tem sido feito para o desenvolvimento criativo de seus alunos. Subjacente a este objetivo busca-se, ainda, compreender qual o seu compromisso para o ensino de Arte nas escolas de Ensino Fundamental.

Uma primeira questão se impõe, quase como uma certeza: os professores no Ensino Fundamental não tem utilizado corretamente o momento de Arte dos alunos com um trabalho voltado para o desenvolvimento de suas capacidades, mas sim como um momento de deixar fazer, de descanso, de passatempo, até mesmo de descaso com a arte como um instrumento para o desenvolvimento humano. Deixam, assim, de investir no desenvolvimento das capacidades criativas de seu aluno. É, nessa perspectiva, que acreditamos que se torna importante conhecer como a arte está sendo abordada e ensinada nas escolas nos dias de hoje, em especial nas escolas de Ensino Fundamental da rede pública de ensino, para que se possa repensar sobre sua abrangência e importância na formação humana dos nossos alunos.

Breves Reflexões sobre a Arte e o Ensino de Arte:

Para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de Arte, é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções, poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história.

Nosso modelo educacional sempre se assentou sobre bases utilitaristas e pragmáticas. Essas idéias firmaram-se com a promulgação da Lei 5692/71 que propunha a valorização da tecnicidade e profissionalização, em detrimento da cultura humanística e científica.

Esse modelo de “educação”, cujas conseqüências estamos suportando ainda hoje, foi modelo desde 1966, quando foi firmado o acordo entre o MEC e a USAID (United States Agency for International Development). Nas palavras de Gadotti (1978):

Por trás dessa concepção da educação escondia-se a ideologia desenvolvimentista, visando o aperfeiçoamento do sistema industrial e econômico capitalista. A periferia deveria adaptar-se aos comandos dos centros hegemônicos do capitalismo. As raízes desse modelo de educação – que é o nosso – são puramente econômicos. Dentro dessa concepção de educação, os países periféricos, e portanto dependentes, estão atrasados porque são carentes de tecnologia e não porque são dependentes. Ora, essa carência pode ser suprida através de uma reforma do sistema escolar, voltada para o treinamento, o adestramento do estudante, tornando-o um dócil

servidor do sistema econômico (1978; p 8-9).

Porém, para ocultar um pouco da sua idéia de formar e preparar os alunos para o mercado de trabalho, a Lei de 1971, além de focar a formação profissionalizante, também contemplava a disciplina Educação Artística que, de disciplina não tinha nada, era apenas uma “atividade educativa” (PCN-Arte, 1997).

Por não ser considerada uma disciplina e não ser incluída nas estrutura curricular como área do conhecimento, com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e sim uma atividade, a Educação Artística contribuiu ativamente para fomentar a produção de mão-de-obra acrítica para o modelo de desenvolvimento adotado.

Paradoxalmente, a Educação Artística apresentava, na sua concepção, uma fundamentação voltada para o desenvolvimento humanístico do indivíduo, mas, estava dentro de uma lei que, segundo Duarte Júnior, “formava indivíduos mecanicamente adaptados às exigências do individualismo” (p. 80). Realmente, o ensino da arte estava mais interessado em desenvolver nos alunos o senso de competição do que dar oportunidades para que esses alunos se expressassem de forma espontânea e pessoal, o que vinha a ser a valorização da criatividade como máxima no ensino de Arte.

É interessante analisarmos que, essa idéia citada acima sobre a Arte na escola, poucos professores tinham e ainda não têm conhecimento do seu significado e da sua aplicação. De fato, ainda são comuns as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas sérias, o momento para fazer a decoração da escola nas festas, comemorar determinadas datas cívicas, preencher desenhos mimeografados ou reproduzidas por outros meios, fazer os presentes do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de Ciências, faz-se “teatrinhos” para entender os conteúdos de História e “desenhinhos” para aprender a contar (MARTINS, PICOSQUE e Guerra, 1998). Enfim, fazem tudo, menos arte.

Não podemos deixar de pontuar como é – na opinião de muitos professores – o professor de arte e como ele lida, também, com o termo “polivalente” em sua prática pedagógica voltada para o ensino da arte. De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional de Arte (1997): “... muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas)”

(p. 28).

Podemos supor que seja essa a causa ou o motivo que leva o professor a não desempenhar um bom trabalho no momento da arte de seus alunos. Mas, não é nossa intenção justificar o descompromisso de alguns professores frente ao ensino da arte, apenas pontuarmos que esse educador de arte, enquanto profissional – independente de sua prática pedagógica – vem, também, sofrendo atrocidades cometidas por terceiros.

Sérgio Roberto Vaz (2001), em seu artigo “O Poder da Arte”, define claramente quem são esses terceiros e o que fazem com os professores de arte. Atentamos para o fato de que o autor usa a denominação “vanguardista” como nomenclatura sinônima para terceiros. A citação longa faz-se necessária para melhores esclarecimentos sobre o exposto acima:

Quem integra esta “vanguarda”? São aqueles que decidem que a Arte não é necessária no currículo, que se pode aproveitar melhor o tempo do aluno, dando mais aulas de Ciências e Matemática. Há casos, também, em que o professor de Arte, profissional capacitado, que se debruçou sobre livros, grandes questões e muitos sonhos, com curso superior, amante da cultura e do criar, é remanejado para outras disciplinas, consideradas prioritárias, para dar aulas de Português, por exemplo. E, além disso, em alguns casos, nossos colegas são substituídos pelo professor de Educação Física ou mesmo de Português, que se aventuram, sob o mando da direção, a ensinar Arte (Vaz, 2001; p. 16).

Observamos que Vaz (2001), na citação acima, pontua que, freqüentemente, o professor de Arte é obrigado a ceder suas aulas para “aulas de reposição de outras disciplinas, quando não lhe é delegada a incumbência de “decorar” a escola e os “carros alegóricos” para as festividades cívicas.

E muitas vezes o professor de arte aceita, quase sem questionar, esta resolução. Há aqui um misto de desvalorização, pela escola, do professor de arte e uma auto-desvalorização do próprio professor de Arte, em relação às suas funções no processo educativo. Esta observação torna-se importante para chegarmos ao cerne da questão: o que é ser professor de Arte?

Depois de nos situarmos, ainda que superficialmente, no âmbito do histórico do ensino da arte no Brasil, poderemos, agora, traçar algumas reflexões e possíveis compreensões sobre o compromisso de saber Arte e saber ser professor de Arte. Não ignorando, evidentemente, que existem uma série de desvios, comumente históricos, como

expostos acima, que vêm comprometendo o ensino da arte na atualidade nas escolas.

Saber arte e saber ser professor de arte são premissas básicas que visam contribuir para que o educador em arte possa organizar, na escola, um trabalho com fundamentação teórico-metodológica adequada. Em síntese, ele precisa saber Arte e saber ser professor de Arte.

Mas o que é esse conhecimento? O que é ser professor de Arte? O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico. No caso do professor de Arte, a sua prática/teoria artística e estética devem estar conectadas a uma concepção de Arte bem definida, assim como a consistentes propostas pedagógicas.

Situaremos abaixo o que seria esse conhecimento e o que é ser professor de Arte na atualidade. De acordo com o PCN-Arte (1997), em relação ao conhecimento, “O universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo” (p. 32).

Podemos associar a criação e a aprendizagem como processos complementares de crescimento humano (Duarte Júnior, 2005), quando notamos como nossas escolas estão cheias de jovens descrentes e propensos à delinqüência. É fácil, também, perceber que uma das mais urgentes providências, segundo Vaz (2001), não é tomada pela escola: “(...) a de, por meio da Arte, perguntar ao aluno: Quem é você? Ou: O que você sabe fazer? Ou ainda: Coloque no papel, no cenário ou no palco o que você quer e o que você pensa das coisas” (p. 16).

Afinal, a arte tem o poder de mostrar ao aluno o quanto ele é capaz e mostrar que ele sabe coisas que mais ninguém sabe, que ele tem uma maneira só dele de construir e viver sua vida, que as pessoas querem ver o que ele tem a dizer e (mesmo não sendo função da escola, mas tem sido observado em alguns casos) mostrar que sua realização pessoal pode estar no seu potencial criativo (Vaz, 2001).

E, concomitante a essa afirmativa, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte (1997) que enaltece a importância da arte no “sentir humano”: “O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida”. (p. 21)

Não podemos deixar de salientar que o conhecimento da Arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a Arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (PCN-Arte, 1997). É nesse sentido que se pode afirmar que podemos desenvolver uma educação através da arte (Herbert Read, 1977), de forma que o universo emocional de cada indivíduo possa contribuir para seu desenvolvimento intelectual.

A Arte/Educação não pretende resolver problemas políticos ou sociais, e sim, formar pessoas conscientes, com olhar crítico sobre o mundo, com caráter e valores firmes e claros. A Arte pode tornar o aluno sensível à cultura e ao próximo, fazendo-o capaz de perceber seu lugar e importância no meio em que vive e apreciar valores diferentes da simples posse de bens materiais, do sucesso profissional pautado exclusivamente no sucesso financeiro e das ilusões vendidas na mídia.

Ainda existem professores que, talvez por falta de informações, acreditam que a arte em nada pode contribuir para o desenvolvimento intelectual dos seus alunos, ficando a cargo das Ciências e disciplinas "sérias" formar e preparar esses alunos para atuarem na sociedade. Desta forma, supervalorizam o aspecto racional do homem, desprivilegiando o lado estético e criativo humano (Duarte Júnior, 2002).

Em Lowenfeld e Brittain (1977) encontramos os seguintes questionamentos: "Em nosso sistema educacional, damos, realmente, ênfase aos valores humanos? Ou estamos tão ofuscados pelas recompensas materiais que não logramos reconhecer que os verdadeiros valores da democracia residem no seu mais precioso bem, o indivíduo?" (p.15). Continuam Lowenfeld e Brittain (1977) refletindo que, em nosso sistema educacional, a maior ênfase incide sobre a aprendizagem da informação dos fatos, e muito menos nos aspectos necessários para o crescimento e desenvolvimento humanos.

Para Fusari e Ferraz (2001), a arte na educação consiste em se garantir uma aprendizagem que acompanhe o desenvolvimento natural do indivíduo, não só em seus aspectos intelectuais, mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos. Realiza-se, assim, uma interação do sujeito com seu meio, através de formas construtivas de auto-expressão e auto identificação dos sentimentos, emoções e reflexões a partir de suas próprias experiências, para que eles, bem ajustados,

vivam cooperativamente e contribuam de forma criadora para a sociedade.

E o que é ser professor de arte? Na opinião de Fusari e Ferraz (2001), ser professor de arte hoje é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas mais diversas manifestações. Para que isso seja alcançado, torna-se necessário aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico.

Para Fusari e Ferraz (2001), é importante que o professor de arte seja qualificado para sua função, e chama a atenção para o fato de que os alunos são essenciais na busca de aperfeiçoamento do professor:

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de Arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte (p. 53).

Ainda sobre a qualificação do professor de Arte, Ferraz e Siqueira (1987) discutem que é preciso desmistificar a idéia de que é impossível atualizar-se porque certas localidades se apresentam com poucos meios culturais ou estão desprovidas de aparatos tecnológicos. Uma das principais indicações para esse aprimoramento é, como citam as autoras:

(...) a utilização de leituras. Os acervos de bibliotecas regionais e das universidades contam com publicações de textos e periódicos de arte e ensino. Tais publicações podem orientar o aprofundamento na área. E, quando houver falta de materiais, a troca de informações interleitores e interbibliotecas deve ser estimulada e solicitada (p. 66).

Assim, preparando-se continuamente, e tendo um domínio presente da sua área, cabe ao professor detectar os conteúdos fundamentais de arte que, de fato, contribuam para a formação de seus alunos. Os conteúdos escolares serão selecionados, portanto, a partir do conhecimento de arte, em seus aspectos universais, e das necessidades e direitos que todos os cidadãos têm de acesso, pelo menos ao que é básico dessas noções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a arte nas escolas de Ensino Fundamental, sua aplicação, seus conceitos e percepções dos profissionais da área, a forma como ensinam a arte, bem como as expectativas e perspectivas em relação à arte nos leva a entender que não chegaremos facilmente às considerações finais.

Seria, talvez, inapropriado afirmar que o ensino de Arte nas escolas de Ensino Fundamental não tem seguido seu curso adequado. É inapropriado, também, afirmar, categoricamente que o professor de Arte não conhece o potencial que esta tem na promoção do ser humano. Da mesma forma, é inapropriado afirmar que não existem professores capacitados, habilitados e comprometidos com o desenvolvimento do ensino de Artes nas escolas de Ensino Fundamental, ou qualquer outro nível de escolaridade. Nessa perspectiva, torna-se perigoso afirmar que o professor de arte que queremos não exista.

No entanto, não deixa de ser uma verdade que, sem pretensões à generalização, a Arte não tem recebido a atenção e importância devidas por muitos dos professores de arte e por seus colegas profissionais docentes das disciplinas “normais”.

Dessa forma, ainda percebemos que, em sua maioria, o professor de Arte trabalha de forma isolada, com pouco ou nenhum tipo de comunicação entre eles e seus colegas, sobre o trabalho que realizam. Ou seja, os demais professores, mesmo considerando importante o trabalho realizado em Arte, a consideram, principalmente, como auxiliar às suas disciplinas e não como disciplina autônoma, com objetivos e conteúdos próprios.

Atividades artísticas apareceram algumas vezes como auxiliar na apresentação de conteúdos de outras disciplinas, sem que o professor da disciplina, o de Arte, ou o coordenador, se dêem conta desse fenômeno. No entanto, é ainda mais constrangedor quando se imagina que a disciplina de Arte não implica expressão artística, mas apenas conteúdo explicado, como biografia de artistas e reproduções de obras.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e**

sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que Arte-educação?** 16. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, M. H. C. T.; SIQUEIRA, I. S. P. **Arte-educação: vivência, experimentação ou livro didático?** São Paulo: Loyola, 2001.

GADOTTI, M. Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira. **Educação e Sociedade**, São Paulo, n.1, p. 5-16, 1978.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ARTE, Brasília, **MEC/SEF**, 1997.

READ, H. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SAINT-EXUPÈRY, A. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

VAZ, S. R. O poder da arte. **Amae Educando**, 2001.